

500 anos

Cruz da discórdia na festa do descobrimento

Índios discutem em conferência os outros 500 anos e erguem monumento de protesto junto à escultura oficial

Paula Autran

Enviada especial

• PORTO SEGURO. Os índios não estão dispostos a participar da pajelança de brancos, como eles chamam a comemoração oficial dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Quando, na segunda quinzena de abril, começarem os festejos oficiais em Santa Cruz de Cabrália e Porto Seguro, no Sul da Bahia, cerca de quatro mil representantes indígenas de todas as partes do país estarão reunidos em protesto no Arraial de Coroa Vermelha, em Cabrália — onde Pedro Álvares Cabral desembarcou em 22 de abril de 1500 — para a Conferência dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil. Eles acham que não há motivos para comemorar. A idéia é discutir os próximos 500 anos.

E a conferência já começará cercada de polêmica. O ponto crucial da pendenga que hoje envolve os índios de Cabrália e o Governo é uma enorme cruz de 12 metros de altura feita em aço inoxidável pelo artista plástico Mário Cravo e recém-fincada em Coroa Grande. Revoltados por não terem sido ouvidos antes da instalação da obra, os índios decidiram fazer seu próprio marco da data. Ele será colocado bem ao lado da antiga cruz de madeira que há anos indica o lugar onde o frei Henrique Soares de Coimbra celebrou a primeira missa no Brasil, no dia 26 de abril de 1500. O monumento indígena, o terceiro a ser posto no local, ficará de frente para quem chega do mar e, não por acaso, de costas para a cruz da discórdia.

— A construção da cruz nova mostra o desrespeito que eles têm com a gente. Isto teria que ter sido discutido. Agora também temos um artista que vai nos ajudar a fazer um monumento nosso — diz José Carlos, líder dos macuxis.

Artista do País de Gales erguerá o monumento

O artista é Dan Baron Cohen, um educador do País de Gales, há dois anos no Brasil. Ele será auxiliado pela também educadora Manoela Souza. Os dois, que vivem há 15 meses na estrada e pretendem ficar seis semanas em Coroa Vermelha, garantem que o monumento aos índios ficará pronto a tempo dos festejos pelos 500 anos. Experiência não falta aos artistas, que trabalham para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e construíram monumento semelhante em Eldorado dos Carajás, no Pará, para marcar o assassinato de 19 trabalhadores rurais pela Polícia Militar do Pará, em 96.

Na semana passada, o processo de construção do monumento dos índios foi iniciado com a projeção de slides sobre a escultura de Carajás. O próximo passo é promover oficinas de histórias para, através de conversas, encenações, imagens e objetos, se chegar ao monumento ideal.

— Nosso monumento será mais democrático, fruto de uma criação coletiva — afirmou o artista Dan.

Em visita ao local na semana passada, o ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca, negou que os índios estivessem contra a nova cruz:

— A princípio, eles discutiram, pois ela é construída com o material da espada dos conquistadores. Mas o que parecia impossível aconteceu: as famílias de Coroa Vermelha ficaram satisfeitas.

Mas no local do monumento indígena, há quem mostre insatisfação com a cruz de aço:

— Acho que deveria ser um índio de braços abertos — sugeriu um.

— Mas aí vai formar uma cruz também — recriminou outro, sugerindo que a estátua viesse acompanhada de uma borduna ou de um porrete.

Dan explica que todas as sugestões precisam ser discutidas e mais bem trabalhadas.

— Os índios vão encontrar a melhor forma de mostrar o que significou para eles o Descobrimento e que esperam para os próximos 500 anos — acredita Dan.



O PRESIDENTE DO CONSELHO dos Caciques, Nailton Muniz, da tribo dos pataxós hãhãhãe, do Sul da Bahia, em frente à cruz da discórdia, instalada no local da primeira missa

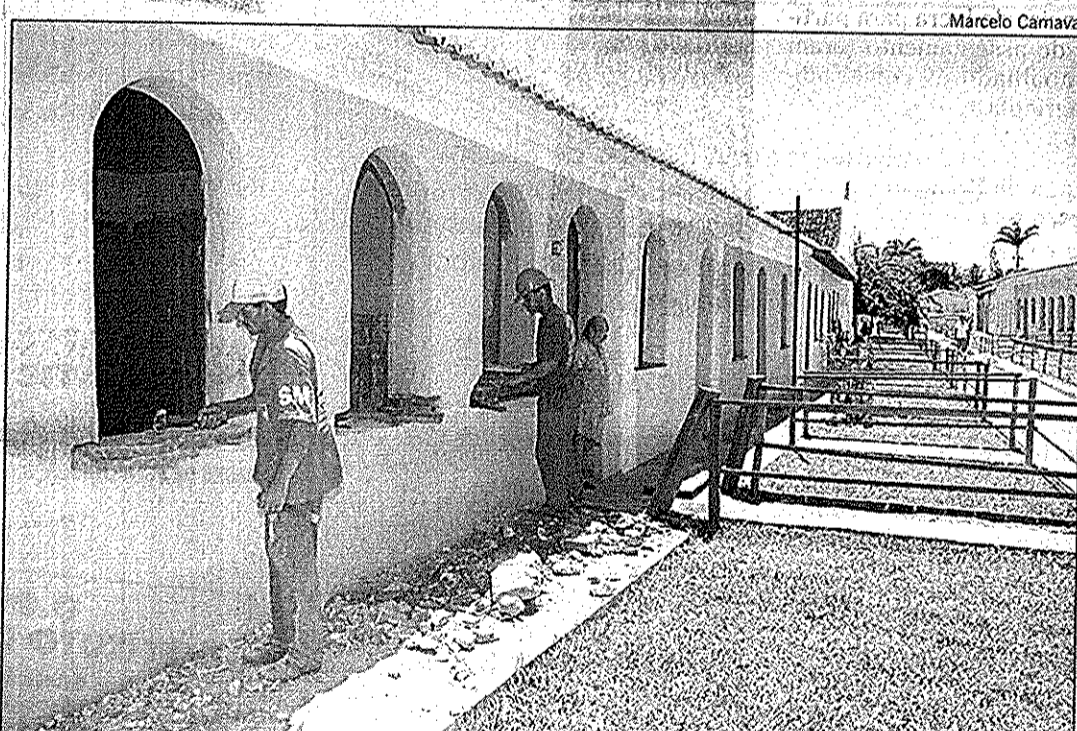
Obras para comemorar a chegada de Cabral

Cheiro de asfalto e eventos esportivos tomam Porto Seguro até 22 de abril

• Avenida do Descobrimento, Rua Pero Vaz de Caminha, Colégio Pedro Álvares Cabral, Hotel Terra à Vista. Não bastassem as já tradicionais referências ao Descobrimento do Brasil, por causa dos 500 anos o tema também toma conta da cidade de Porto Seguro nos bancos de praça, nas camisetas e por onde quer que se olhe. Operários trabalhando sem trêgua em obras pela cidade não deixam ninguém esquecer da festa que, embora marcada para 22 de abril, já movimentou a chamada Costa do Descobrimento. A área acaba de receber da Unesco o título de Patrimônio Mundial Natural.

Mais de R\$ 150 milhões estão sendo investidos pelos Governos estadual e federal para as comemorações em Porto Seguro e em Santa Cruz de Cabrália. Além de obras de iluminação e de pavimentação, que lhes confere um constante cheiro de asfalto, as duas cidades estão ganhando até um aterro sanitário. Porto Seguro passou a ter, entre outras coisas, um centro de convenções para duas mil pessoas e um hospital com cem leitos, e seu Centro Histórico está sendo todo reformado. A cidade, que tem 35 mil habitantes, deve receber 200 mil visitantes no período de festa — 80 mil a mais do que costuma ter em alta temporada.

Mas não são só as obras que dão à região um ar de festa. Termina hoje em Porto Seguro a Copa do Descobrimento de beach soccer, que reuniu seleções de Brasil, Portugal, Espanha e França. E ainda estão programados um endure, uma corrida ciclística e um aberto de tênis.



OPERÁRIOS TRABALHAM NA restauração do centro de Porto Seguro: R\$ 150 milhões em investimento

Coroa Vermelha sofre dos males da pobreza

No local onde Cabral desembarcou, aldeia pataxó pede melhores condições de moradia

• Quem chega a Coroa Vermelha querendo encontrar índios seminus em ocas pode dar meia-volta. A aldeia pataxó hoje parece um bairro pobre como qualquer outro. Numa reforma orçada em R\$ 8,1 milhões, bancada pelos governos estadual e federal, estão sendo construídos o Museu do Índio, um centro de comércio e um conjunto habitacional de 320 casas para remover a comunidade não indígena que vive dentro da reserva. Mas, segundo os índios, das 150 casas que seriam construídas para eles, há apenas 40 erguidas.

Por Coroa Vermelha transitam índios aculturados dos mais diversos tipos. Entre eles, o cacique Nailton Muniz, que combina bermuda e camiseta com cocar e, apesar de carregar o chamado poró para fumar uma mistura de alface com erva cidreira, também dá suas baforadas de cigarros Free. Já o visitante macuxi José Roberto é um dos que não posam de índio-padrão: veste calça de pregas, camiseta moderna e sapatos sociais. No bolso, um celular. Na cabeça, um chapéu panamá. De indígena, além dos traços físicos, só uma aliança de coco.

Terra é a principal reivindicação

Marcha até a Bahia já começou na Amazônia e inclui Brasília e Salvador

• Durante cinco dias, 1.987 índios já cadastrados de 75 tribos diferentes se juntarão a outros 2.200 indígenas de Coroa Vermelha e de aldeias vizinhas na Conferência dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil, um protesto contra o que consideram o início da invasão europeia às suas terras. Para eles, essa marcha dos povos indígenas é uma espécie de retomada simbólica do Brasil. Os primeiros habitantes das terras brasileiras querem elaborar propostas para os próximos 500 anos.

— Não temos motivos para comemorar as desgraças trazidas para o nosso povo — diz o presidente do Conselho dos Caciques, Nailton Muniz, da

tribo dos pataxós hãhãhãe, do Sul da Bahia. — O problema da demarcação de terras deveria estar resolvido desde 93, segundo a Constituição de 88. Agora queremos estipular um prazo nosso, de uns quatro anos, para que isso aconteça.

Encontro começa em Brasília, no dia 14 de abril

O grande encontro dos índios vai acontecer primeiro em Brasília, nos dias 13 e 14 de abril, com manifestações em frente ao Congresso Nacional. Depois, eles se dirigem para Salvador, onde haverá novo ato no dia 17. No dia seguinte, terá início a conferência indígena em Coroa Vermelha. Alguns representantes de tribos

distantes da Amazônia já iniciaram a marcha, que terá trechos percorridos a pé, de barco e de ônibus. Para hospedar tanta gente, foram alugados dois circos, que servirão de local de conferência. Eles começaram a se organizar no ano passado, após perceber que não seriam chamados a opinar na organização dos festejos.

— Em 98, o Governo disse que talvez alguns índios participassem da comissão que organiza a comemoração, mas só a Funai foi chamada — queixa-se José Carlos, representante dos macuxis, de Roraima — Nossa intenção não é ficar atrás do Governo nos manifestando durante os festejos. Apenas vamos nos reunir

para oferecer propostas. Com o slogan "O Brasil que a gente quer são outros 500", os índios reivindicam a regularização das terras.

Representante de índios reclama do custo da festa

O representante dos índios trukás, Aurivan dos Santos, é um dos que ajudam a organizar a marcha.

— O orçamento da Funai foi de R\$ 4,6 milhões em 99. O Governo está gastando dez vezes mais nessa festividade. Para quê?

De 1500 para cá, mais de cinco milhões de índios foram mortos. Hoje, eles são cerca de 500 mil, de 220 povos diferentes.